



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talmoba — Lisboa • Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A instrução do povo

Sabe-se bem a que ponto vergonhoso deixou a Monarquia chegar o iletrismo do povo, não curando do extinguir, à força de escolas, aquela pavorosa percentagem de analfabetos que equipara Portugal, no tocante a cultura popular, às mais bárbaras e atrasadas nações das cinco partes do mundo. De facto, nunca a monarquia se preocupou honestamente com o ensino. Tirante as cidades mais importantes, nas outras localidades do país ou não havia escolas ou, se as havia, estavam de portas cerradas, ao abandono, sem professores, tudo numa desorganização profundíssima, num caos do estarrecer. Parece que os governantes da monarquia eram todos concordes com o marquês de Pombal, um dos que também supôs desprovelhosos, noiva porventura, a instrução das camadas populares. Certo é que este desleixo imperdável do regime de então, este crime sem possível remissão deixava um terreno propício onde o analfabetismo medrava a maldade, apesar de uma lei hipocrita, publicada então, onde a obrigatoriedade do ensino se consignava, não obstante contudo a que gerações sobre gerações se sucedessem, sem a elas ter chegado um raio de luz.

Foram os tribunos republicanos os mais enérgicos a verberar, antes de 1910, este nefando procedimento dos monarquistas. E prestou-se o assunto, realmente de interesse, a tiradas retumbantes, a apóstrofes patéticas, a anáforas decisivas contra a coroa e contra os seus serventários. Tornou-se já enfadonho repetir que, em instrução, não pode haver progresso, ainda sendo o iletrismo uma inexorável grilheta a tornar impossível a ressurreição dos povos que se deixaram tomar e decair na ignorância. Os republicanos proclamaram aos quatro ventos a necessidade primordial e urgentíssima de criar escolas, muitas escolas, como outros tantos poderosos focos luminosos, espalhados por todo o país, em cada vila, em cada aldeia, em cada logarejo, valorizando os indivíduos porque os tornava aptos, superiorizando a nação porque a tornava consciente. E bem souberam os republicanos pintar com sombrias colorações evocativas, o quadro desolador que os serviços de instrução em Portugal constituíam. Dum por menor se fez cavalo de batalha duradouro, e vinha a ser a situação miserável em que os professores primários se mantinham. O mestre-escola não gosou nunca, em território lusitano, do grande consideração social. Pagavam-lhe o esforço com dois patacos, tarde e a mais horas recebidos, a pontos de tornar-se ele, o obscuro pedagogo humilde, símbolo obrigatório para representar o faminto, o obreiro desassistido e misero, o esquecido dos poderes públicos, ignorado de todos, ninguém lhe reconhecendo, a sério, o esforço realizado. Uma situação assim engendrava males gravíssimos, como seja, por exemplo, o de trocarem o professorado por carreiras mais rendosas aquelas que para isso se sentissem capazes, ficando apenas nos estrados primários que só por dever de officio levam ao calvário a sua cruz, mercedariamente, aqueles intelectualmente impossibilitados de compreenderem toda a elevação do sacerdócio que a missão suprema de preparar as gerações futuras constitui — para empregar o pomposo e estafado lugar comum.

O certo é que, em obediência às leis do equilíbrio social, está o professorado primário ao apocadado nível do critério governamental. Era assim outrora, e é assim hoje, pois fala a gente com os olhos escurecidos, a respeito do funcionamento dos estabelecimentos de ensino, o logo eles nos contam, a respeito dos métodos pedagógicos adoptados, a respeito do funcionamento das aulas, a respeito da mentalidade do professor, coisas prodigiosas. Não queremos significar com esta alusão que de culpas individuais se trata, reclamando

do punição remissiva. E' duma consequência inevitável que se trata, para evitar a qual só servirá banir as causas mais profundas.

Ora de todas estas questões os republicanos trataram, em demolidoras parlandas, nos tempos da sua activada propaganda. E, passados já nove longos anos de república, ocorre perguntar-lhes o que fizeram eles, detentores das rédeas do poder, no sentido de remediar o descabro tão verberado outrora, posto que tudo está na mesma, senão pior, as escolas raras, fechadas ainda por cima, grande parte das que existem, os professores sabe Deus como e onde, osmetódos de ensino permanecendo os mesmos, o todo coroado com a escolha de uns ministros de instrução que ou não sabem ler ou sabem ler de mais, mas cuja obra já está patente, para honrar-lhes a recordação. Veja-a quem quizer.

A verba orçamental destinada aos gastos do ensino, sendo já de si insuficiente, ainda dá margem para que a sombra dela comam e se refastelem alguns rebentos de parasitagem. Por modos que o restante miserável para mais não dá do que pra ir-se estrumando o analfabetismo, inda assim, não se extingue ele. Isto pode ser desleixo, pode ser incuria, pode ser incompetência. Mas pode muito bem ser tática, a mesmíssima tática de todos quantos medram e se locupletam salvaguardados pelo obscurantismo do povo. Eis aqui o povo é diminuir as probabilidades de impunidade para os que tem culpas no cartório. Para que ensinar, pois? Melhor e mais seguro é ir fomentando carinhosamente a treva, e disfarçar o intento com meia dúzia de lóris a propósito, quando a ocasião se presente, combatendo o analfabetismo em discursos de aplauso certo para que as populações ignorantes se convenciam da sinceridade do poder em ensiná-los. E é isto, amigos nossos. O pão do estômago está como se sabe. O pão do espírito está ainda pior. Em tudo a mentira, a especulação, a fraude de descarada, tanto no género do vendido como nas discurseiras pronunciadas, tanto em negócios como em política, tanto na rua dos Fanqueiros como na Arcada do Terreiro do Paço. Tratemos de nós, que a solução é essa. Arquívemos estes exemplos, recolhemos estas lições, cate-se de ganfanas quem as tem e olhe o futuro, e a semente na orientação de uma marcha audaz. O remédio está nisto.

Pela França

A situação agrícola — Vão restabelecer-se as «cartas» de pão?
PARIS, 3. — O governo está inquieto com a situação agrícola da França e pensa em restabelecer as «cartas» de pão, terminadas as eleições legislativas. — H

A Sérvia e a Roménia assinam o tratado?

LONDRES, 8. — O correspondente do Daily Telegraph, em Paris, telegrafou ao seu jornal que se espera que a Roménia e a Sérvia assinem o tratado. — H

Congresso de industriais fiandeiros

PARIS, 4. — A federação internacional dos fiandeiros das fábricas de algodão reuniu-se, sob a presidência do sr. Jon Syz, suíço. A federação resolveu fazer-se representar na conferência mundial de Nova Orleães no próximo mês de Outubro, por três dos seus membros. Foram comunicados interessantes relatórios sobre as modificações introduzidas nas horas de trabalho e sobre a situação da indústria do algodão. Alguns dos membros da federação, especialmente Santiago e Trias, em nome dos produtores espanhóis, deram conta dos felizes esforços que tem empregado nos seus respectivos países.

O próximo congresso internacional deve efectuar-se na Suíça, no verão de 1920. Portugal estava representado pelo sr. Taveira. — H

Príncipe que foge

MADRID, 9. — Dizem os jornais, que o infante D. António de Orleans, a quem o rei de Espanha impôs tutela, fugiu no domingo em automóvel em direcção a Portugal, com a intenção de se dirigir a Itália. — H

O Livro Vermelho do Terror Branco

Na pátria do reverendo autor dos 14 pontos

Adolfo Germer, secretário nacional do Partido Socialista dos Estados Unidos, dirigiu a 50 personalidades socialistas e liberais da Europa uma carta destinada a interessar a opinião popular europeia pela situação dos socialistas e sindicalistas norte-americanos, sujeitos à mais seclerada e desenfreada das repressões plutocráticas.

«O nosso fim, escreve Germer é chamar a vossa atenção para o deplorável estado de coisas na América, em resultado da nossa guerra vitoriosa, empreendida para garantir no mundo a democracia».

«Cremos que a classe dominante em nenhum país mostrou, em suas perseguições, uma parcialidade em favor dos ricos e ataques contra os representantes das organizações operárias como os que temos visto neste país desde o começo da guerra».

«Graças à legislação de guerra, milhares de cidadãos foram acobardados pela imprensa plutocrática e condenados por opiniões políticas, ou pela sua actividade sindical, ou ainda pelas suas convicções religiosas. Tem sido e continuam sendo infligidas condenações desmedidas, de 5 a 25 anos de prisão, não havendo indícios de apaziguamento. De facto, em vários Estados e no Congresso nacional, tem-se adoptado e estão sendo adoptando leis mais severas que as que existiam durante a guerra, sob o nome de Lei de Anti-sedição e outros títulos, visando particularmente as organizações e os homens de trabalho».

«Estão actualmente encarcerados mais de 2.000 cidadãos, com um total de condenações que montam a cerca de 23.000 anos. Esses homens e mulheres não são reconhecidos como presos políticos, mas tratados como criminosos, submetidos a indignidades que o próprio criminoso não as sofre».

Germer enumera as principais vítimas do terror humano, entre elas as seguintes: Eugénio Debs, o conhecido chefe socialista, condenado a 10 anos de prisão por um discurso contra os lucrações da guerra e encerrado numa cela, em Atlanta, na idade de 63 anos! Kate O'Hare, ex-secretária internacional do partido, mãe de 4 filhos, condenada a 5 anos e encarcerada em Jefferson.

O próprio Germer, aliás moderado, o deputado Vitor Berger, o escritor e orador João Tucker, Luis Engdahl, director do American Socialist, e Guilherme Kruse, secretário da Liga das Juventudes socialistas, foram condenados a 20 anos de prisão!

Na Europa, não seriam possíveis barbaridades, a não ser em tempo de revolução. São-na na terra do Reverendo Wilson, pai da raquítica e malograda Liga das Nações, o mesmíssimo que deu os famosos «Catorze pontos»... em 1918. E não há apelo que tenha merecido a atenção deste untuoso padre-crua da democracia burguesa.

E dizer-se que houve e há socialistas intelectuais bem intencionados que tomam a sério o wilsonismo, o novo evangelho democrático burguês, dividido em catorze versículos!

Não repetiremos agora as indizíveis atrocidades cometidas contra os grevistas e operários sindicados, especialmente contra os militantes, tanto pelas autoridades como pelo patronato e pela sua polícia particular: espatifamentos, seqüestros, assassinatos, invasões domiciliares, etc. Nem falaremos dos recentes linchamentos de negros, em alta escala.

Germer pede às organizações socialistas e operárias da Europa que escrevam ao presidente Wilson reclamando a libertação dos presos políticos.

Ainda o tratado da paz

Um discurso

PARIS, 4. — O discurso do sr. Barthou na câmara, defendendo o tratado da paz, fez sensação. Expôs a necessidade duma força organizada capaz de defender toda a humanidade, e disse que para um mundo novo impõe-se uma política nova. E' preciso que esta guerra seja a última e o nosso triunfo seja um triunfo reparador. Ao terminar ouviu-se uma salva de palmas e o sr. Clemenceau levantou-se para apertar a mão ao orador. — H

Prevenido incidentes

PARIS, 3. — Os jornais são de opinião que qualquer incidente que se dê com a Roménia, por causa do tratado de paz, será momentâneo. — H

Uma intimação à Roménia

PARIS, 9. — Informam de Viena que o sr. Renner recomenda que seja assinado o tratado da paz a fim de se evitar a prolongação do actual estado de coisas; a Austria, acrescenta ele, não pode recomendar a guerra nem continuar vivendo assim.

Insistem que a delegação Românica assinara o tratado, mas fará reservas sobre os direitos das minorias e a fiscalização exercida pela sociedade das Nações. Por outro lado, consta que o conselho supremo resolveu não aceitar reservas, convidando a Roménia simplesmente a assinar o tratado ou não. — H

No México

Um protesto de Carranza

MEXICO, 3. — O presidente Carranza protesta contra a imputação que lhe é feita de incapacidade para defender as leis e os bens dos estrangeiros. — H

A reunião de Coimbra

Tudo parece indicar que o II Congresso Operário terá grande importância

Estamos apenas a três dias do Congresso da Coimbra, Congresso que se efectuará, como temos dito, nos dias 13, 14 e 15 do corrente mês, o qual sendo, pelo número de associações representadas, o maior de todos quanto, se tem efectuado em Portugal, se-lo há também, disso estamos certos, pelas resoluções que vai tomar.

O Congresso, que iniciará os seus trabalhos às 11 horas de sábado, efectua-se na ampla sala do Ateneu Sousa Bastos.

Alguns delegados de Lisboa e do Sul do país partiram já para Coimbra, a maior parte deles para tomarem parte nos Congressos corporativos da Construção Civil e da Indústria de calça, o, couros e peles, o primeiro dos quais inaugura hoje os seus trabalhos, deueno ter a sua primeira reunião, amanhã, o segundo.

Ontem, conforme o convite que aqui publicamos, reuniram na sede da U. O. N. alguns delegados ao Congresso, que depois de várias observações sobre a possibilidade de se comprar os bilhetes com a brevidade necessária, resolveram que um camarada se avisasse hoje com a direcção da C. P. para trocar impressões sobre a aquisição dos bilhetes. Hoje, pela mesma hora, voltam a reunir aqueles delegados para tomarem conhecimento do que se houver conseguido.

Mais uma vez se lembra aos sindicatos aderentes ao Congresso que ainda não pagaram as suas cotas — poucos, felizmente — apesar dos instantes convites feitos neste lugar, que os seus delegados devem ir habilitados a registar, no próprio Congresso, a sua situação, como é de justiça, porque as despesas feitas são avultadas.

Por lapso, não mencionámos ontem, no ramo comercial, a Associação dos Empregados do Comércio de Aveiro, que sendo aderente, nomeia seu delegado o camarada Mário Azevedo. Também por lapso se publicou que a Associação dos Corticeiros de Sines nomeia seu representante João Serra Júnior, quando esse camarada representa a Associação dos Corticeiros de Lisboa.

Devenho a comissão organizadora partir para Coimbra amanhã, ficam mais uma vez prevenidos os sindicatos de que toda a correspondência deve ser enviada para aquela cidade, sede da U. O. N.

A Associação dos Corticeiros do Seixal perguntou à comissão a que horas deve partir o delegado para Coimbra. Esta pergunta demonstra a pouca atenção com que alguns delegados têm o que lhes temos comunicado a esse respeito.

Por isso, voltamos a repetir que os delegados podem seguir para Coimbra amanhã, ou depois, no comboio das 10 ou no das 21, sendo, porém, indispensável que façam todo o possível por seguir, quando de todo em todo não possam, ser antes, pelo menos nos comboios de sexta-feira, para o que precisam tirar bilhete de véspera.

Transportes

Federação dos Transportes, Agostinho da Silva, Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Miguel Correa, Abílio Guerra e José P. Fernandes, União Ferroviária do Porto, Carlos Silva Guimarães, Bernardino P. Costa e José P. Coelho Júnior; Empregados Menores dos Correios e Telégrafos, Agostinho da Silva, S. Pinheiro e José F. dos Santos; Liga das Artes de Vição do Porto, Joaquim José Silva; Carris de Ferro de Lisboa, António da Silva; Chauffeurs do Porto; Condutores de Carroças de Lisboa, Maximiano Marques; Fragateiros do Porto de Lisboa, José Magalhães Carvalho; Estivadores do Porto de Lisboa, João Ferreira; Inscritos Marítimos de Lisboa, Artur Augusto Machado; Fogueiros de Mar e Terra de Lisboa, José Ramos da Silva, Domingos Hildebrando e José Araújo; Carregadores e Descarregadores de Mar e Terra do Porto e da Gália, Gonçalo F. Urias, António P. Rainundo e Alberto Temóteo da Silva; Descarregadores de Mar e Terra do Barreiro, José Tavares Rodrigues; Marinheiros e Mocos da Marinha Mercante de Lisboa, Alfredo Oliveira Mendes; Descarregadores de Mar e Terra

de Lisboa, Manuel de Almeida; Catraeiros do Porto de Lisboa, Alberto dos Santos, José Almeida e Clarimundo Aguiar.

Tecidos

Operários da Indústria Têxtil da Covilhã, José S. Marques, Manuel Lopes Bola e António S. Jorge; Fiandeiros do Porto, Mário G. Pereira; Operários de Tecidos de Seda do Porto, Mário G. Pereira; Operários Têxteis de Gair, João Assunção Barreto; Empregados da Indústria Têxtil do Norte de Portugal; Manufatureiros de Tecidos de Gouveia, Mário G. Pereira.

Indústria Mobiliária

Federação Mobiliária Portuguesa, Alfredo Marques; Marceneiros de Lisboa e Cesteiros de S. Gonçalo, Alfredo Marques; Entalhadores de Lisboa e Estofadores e Decoradores de Lisboa, José Luis C. Neves; Estofadores do Porto, Carlos Silva; Marceneiros do Porto, José G. Maciel Barbosa; Marceneiros Valenses, José P. Soares; Marceneiros de Coimbra, Fernando J. Jacob.

Classes diversas

União dos Professores Primários Oficiais, Carlos Alberto Pinto de Abreu, António Manaças, António Lopes Canhão, Junior; Trabalhadores de Teatro, A. Sá Junior; Pessoal do Socorro Mútuo, Afonso Manaças; Tanoeiros de Almada, João Lourenço Reñats; Tanoeiros de Lisboa, João Almeida; Tanoeiros do Funchal, António Gomes Jardim; Trabalhadores do Mar de Setúbal, Joaquim M. Silva, João José Costa, Joaquim C. Sabino; Marinheiros de Cezimbra, Custódio Rodrigues e Joaquim Moreira; Operários Municipais de Lisboa, Manuel da Costa; Construtores de Macadam, Manuel Costa; Manipuladores de Ciflindos de Vidraças da Marinha Grande, José Azambuja; Medidores de Cerais de Lisboa, José Luis Ferreira; Operários da Casa da Moeda, Manuel Inês; Manipuladores de Pão de Lisboa, Francisco Domingos Vasques; Hospitais Civis, Abel da Cruz, António Lopes Rodrigues, Julio Rasteiro; Empregados do Estado de Lisboa, Sebastião Eugénio, Nogueira de Brito, Sobral de Campos; Pessoal dos Tabacos, Eduardo Jorge; Indústria de Carruagens de Lisboa, Jaime Martins; Operários da Manutenção Militar de Lisboa, Manuel Rodrigues Pereira, Sebastião Eugénio, José Ferreira; Operários Cordeiros de Faro, António, Pedro Cabelaria; Oficiais e Costureiras de Alfaiates do Porto, Aníbal Cardoso; Alfaiates de Lisboa, Manuel Justino de Oliveira; Manipuladores de Fósforos do Porto, José Agueda; Manipuladores de Fósforos de Lisboa, Eduardo Jorge; Manipuladores de Farinhas de Coimbra, Ernesto Simões dos Santos, José Maria Padrinha; Operários do Município de Coimbra; Trabalhadores de Mar e Terra de Viana do Castelo, José Carvalho.

U. S. O. de Lisboa, Alberto Monteiro, Francisco Viana, Alfredo Marques; U. S. O. do Porto, Julio Campos; U. S. O. de Coimbra; U. S. O. de Évora, João Bernardo Alcanena; U. S. O. de Aveiro, Luís Vieira Campos; U. S. O. de Viana do Castelo; U. S. O. de Faro; U. S. O. de Vila do Conde; U. S. O. de Almada; U. S. O. de Olhão.

E' preciso, partindo do princípio sindicalista, que a escola seja entregue aos professores que nela trabalham, que nela vivem, que a amam como a um produto do seu esforço, arrancando a sua supremacia às mãos dos que, ascendendo por circunstâncias ocasionais às culminâncias do mando, nada entendem de ensino, o que não obsta a que façam e desfaçam com a maior das semcerimônias e das incompetências.

Vai o professorado primário reconhecendo esta grande verdade; e, como assalariado, como explorado, como vítima, como todos os trabalhadores, da organização capitalista, aproxima-se da organização operária, onde lhe está reservado o lugar que lhe compete.

A sua adesão ao Congresso Operário de Coimbra é para nós de um extraordinário valor. Ela é a afirmação de que o professorado primário se encontra disposto a cooperar numa obra em que todos os trabalhadores andam empenhados. Essa obra é a extinção dos preconceitos e dos privilégios que impedem a humanidade de caminhar. E a acção dos professores primários só poderá exercer-se, de facto, quando possader exercê-lo livremente.

União Local

U. S. O. de Lisboa, Alberto Monteiro, Francisco Viana, Alfredo Marques; U. S. O. do Porto, Julio Campos; U. S. O. de Coimbra; U. S. O. de Évora, João Bernardo Alcanena; U. S. O. de Aveiro, Luís Vieira Campos; U. S. O. de Viana do Castelo; U. S. O. de Faro; U. S. O. de Vila do Conde; U. S. O. de Almada; U. S. O. de Olhão.

Uma adesão valiosa

O professorado primário

«Far-se há representar no Congresso de Coimbra»

Temo-nos estorçado por demonstrar que a distância a que se tem conservado as classes intelectuais das outras classes trabalhadoras, é proveniente dum grande preconceito, inteiramente injustificável.

Os que trabalham com o braço dependem dos que esforçam o cérebro, como estes dependem daqueles. A obra social é comum. Cada um tem o seu papel muito distinto.

Esta tese temos defendido sempre, porque a achamos da maior importância para a transformação da sociedade, em que os esforços devem conjugar-se, cada qual em seu campo, e cada um com a sua missão.

E porque assim o entendemos, o nosso regozijo é grande por vermos encaminhar-se para a organização operária uma das classes mais importantes para nós — o professorado primário.

A Escola — quantas vezes aqui o temos afirmado! — precisa reconstruída, organizada em novas formas, onde a Razão e a Luz, clara e simples da Verdade, acompanham os primeiros conhecimentos, que são a base da educação do homem de amanhã.

Recrutamento e Revolução

Dois princípios estão assentes: 1.º Uma verdadeira revolução não contraria a evolução normal das coisas. Pelo contrário. Uma evolução séria e duradoura é uma evolução que chega ao seu termo, uma evolução, não estorçada, mas coroada de êxito final, uma gestação fecunda dando à luz uma criança viável; 2.º a violência, por si só, não constitui a essência mesma da revolução. Para que revolução haja, necessário é que a sociedade mude de pele, que não se contente com uma rebocadura ou conserto reformista, mas adquira nova base, novo princípio director.

A Revolução social que invocamos com todas as nossas forças e que está revolvendo o mundo é uma revolução-tipo. Limpa a fundo e faz obra sólida. Já se não trata duma simples mudança de superfície, duma substituição de X — Y por Y — X, mas da transformação fundamental das condições económicas, sociais e políticas da nossa sociedade em liquidação em resultado duma falência irremediável e evidente.

Como a Revolução social faz coisa nova, procede duma nova concepção. As revoluções políticas, ainda que tivessem uma base social, davam de ordinário em resultado a mudança de cenário e de forma, a substituição do pessoal governativo, mas sempre à disposição das classes possuidoras.

Deram origem a concepção individualista e heroica da Revolução, à das minorias actuaes e triunfantes. Alguns agrupamentos enérgicos bem organizados e bem adestrados deviam apossar-se do poder para virar a sociedade como quem vira uma luva. Foi a concepção dos jacobinos, de Babeuf, das sociedades secretas da primeira metade do século XIX, dos «blanquistas» (mas não inteiramente do próprio Blanqui), dos terroristas russos da Vontade do Povo.

E o curioso é que a coisa pegava as vezes.

Houve revoluções feitas — por minorias actuaes. Mas foram de curta duração. O que a minoria heroica fazia, desfez-se a maioria conservadora. O nosso regime é tam mal equilibrado que basta às vezes um empurrão forte para o dirribar — provisoriamente.

Com os seus sucessos não pode contestar-se com êxito os seus méritos e êfemes. Quere manter-se e manter a sociedade que ela toma a seu cargo. No lugar da concepção individualista e heroica da Revolução, põe ela a concepção colectivistica e orgânica. Quere destruir e construir, destruir para construir.

Dirige-se às classes inteiras cujos interesses se confundem em última análise com os interesses bem compreendidos da nação toda. Cria instituições em que se apoia para efectuar uma transformação duradoura. Ampara-se em milhões e experimentados organismos. A Revolução social não improvisa. Tem os seus quadros, os seus estados maiores, as suas tropas escolhidas e de assalto, as suas reservas. (Pois se até tem os seus desertores e os seus transfugas!)

A Revolução social, ou mais exactamente, os seus teóricos e militantes aproveitaram as lições da História. Estudaram a derrota da Conspiração dos Iguaes, as jornadas de Junho. A Comuna de Paris, o fracasso dos terroristas russos. Concluíram pela necessidade dum longo período preparatório, dum período de recrutamento.

A teoria de Marx, com a sua análise genial do regime capitalista, fazendo sair do seu seio o seu «coveiro» — o proletariado revolucionário, que aproveitava as forças produtivas acumuladas — foi colocada na base da nova concepção orgânica da Revolução. Tornou-se a filosofia dum período inteiro, a do recrutamento socialista, sindicalista e cooperativo.

Mas, tomada à letra, não há verdade que não esteja exposta a ossificar-se, a tornar-se uma rotina e um dogma com

Carlos RAPPOPORT.

Perseguições governamentais

Sessão do protesto

Realiza-se hoje, às 21 horas, na Associação de Classe dos Tanoeiros de Lisboa, rua de Marvila, 95, 1.ª, uma sessão de protesto contra as violências governamentais, fazendo uso da palavra delegados da U. O. N., U. S. O., e comissários pró-presos.

Comissão pró-presos por questões sociais

Rebuih esta comissão e registou, com satisfação, o regresso às suas terras natal, dos 10 camaradas que ainda se encontravam em Africa, enviados para essas longuinquas paragens pelo governo desembrista. Um delegado desta comissão tratou, junto do sr. governador civil, de obter a passagem para estes camaradas, o que conseguiu, sendo 6 para Odemira, 3 para Gavião e 1 para Panóias. Mais, resolveu entrevistar novamente o director da policia da segurança do Estado, para conseguir a libertação dos restantes camaradas que ainda se encontram presos. Por lapso, esta comissão disse ontem ter recebido \$90 do quartel de Bombeiros da Esperança, quando essa importância é de 1890; do camarada Guilherme Dias recebemos a quantia de 1850.

Como de costume, esta comissão reúne hoje pelas 21 horas.

O incidente de Ludwigshafen

STRASBURGO, 3. — O incidente de Ludwigshafen reduz-se ao seguinte: um agente de policia francos foi maltratado em serviço; e como se tratava de legitima defesa, fez uso do revólver. — H

As 8 horas de trabalho

A sessão de ontem na Associação dos Caixaeros de Lisboa

Na sessão de propaganda realisaada ontem na Associação dos Caixaeros de Lisboa, foi debatido largamente este assunto, tendo usado da palavra, os camaradas Franklin Costa Leite, Faustino Silva, Rodrigues Loureiro e José Corvo e esperandose se todos os oradores em considerações sobre a forma de fazer prevalecer a lei das 8 horas.

Por fim, foi resolvido realizar no próximo domingo um comicio com o concurso das classes trabalhadoras, encerrando-se a sessão no meio do maior entusiasmo.

Pró-AVANTE!

O passeio de confraternização do Grupo Dramático da Construção Civil

Tem despertado o maior entusiasmo no meio operário de Lisboa o passeio de confraternização a Linda-a-Pastora que se realiza no próximo dia 21, não tendo sido em vão que a comissão promotora dirigiu o seu apelo ao operariado, o qual a tle tem correspondido calorosamente, coroando assim os seus esforços para que esse passeio constitua uma verdadeira apoteose ao trabalho e a solidariedade dos trabalhadores de Lisboa e Linda-a-Pastora.

Tem sido enorme a procura de bilhetes. Os pontos que restam encontram-se a venda na Administração de A Batalha em serviço; e como se tratava de legitima defesa, fez uso do revólver. — H

